

EMPATIA SINTÉTICA E RELAÇÕES HUMANAS: OS CUSTOS COGNITIVOS DA INCLUSÃO EDUCACIONAL

Heitor Ayres Belo França¹
Carlos André Santos de Lira²
Henrique Junior Medeiros da Silva³
Ernani Nunes Ribeiro⁴

RESUMO

O presente trabalho parte da ideia de que as relações entre as pessoas mudou muito com a chegada da internet e da lógica das redes sociais. A empatia, sentimento que possibilitou o agrupamento e assentamento de nossa espécie no alvorecer da nossa história, também pode ter sofrido mudanças graças a essas novas formas de relação interpessoal. Entendendo que a empatia é um sentimento essencial na relação entre os profissionais da educação e os alunos, e que a inclusão é um processo contínuo de se colocar no lugar do outro, o presente artigo realiza revisões de literatura como termo “empatia” para diversos intervalos de tempo para embasar nossas afirmações, além de propor uma nova noção de empatia, a “empatia sintética”, um termo emprestado da área da tecnologia da informação para uma empatia “artificial”, porém presente e consciente, uma forma de poupar profissionais da educação dos custos cognitivos da empatia usual. Assim, é realizada uma nova revisão para compreender o termo “empatia sintética”, para que possamos entender o conceito e trazê-lo para a área das ciências humanas. Por fim, atrelamos essa empatia à inclusão educacional como uma ferramenta de proteção à saúde mental dos profissionais da educação.

Palavras-chave: Empatia, Relações interpessoais, Inclusão Educacional, Inteligência emocional.

INTRODUÇÃO

A empatia, dentro da literatura, é um conceito bastante versátil e com definições discrepantes entre autores na literatura. No campo da filosofia, a empatia era frequentemente vista como uma forma de entender a experiência de outra pessoa, mas era um conceito um pouco nebuloso e não totalmente definido. No campo da psicologia, a empatia era frequentemente vista como uma habilidade de se colocar no lugar de outra pessoa para entender seus sentimentos e perspectivas. No entanto, a empatia não era tão central para a psicologia como é hoje. Posteriormente, Edith Stein, grande pensadora da filosofia, assume

¹ Graduado pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, heitor.ayres@ufpe.br;

² Licenciando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Santos.lira@ufpe.br

³ Licenciando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, henrique.juniors@ufpe.br

⁴ Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, ernani.ribeiro@ufpe.br

essa tarefa. Em, 1916 Edith Stein, como fenomenologista, trouxe uma nova luz para o conceito de empatia. Ela acreditava que a empatia era uma maneira de conhecer diretamente a experiência de outra pessoa, em vez de apenas inferir ou imaginar o que a outra pessoa poderia estar sentindo. Ela também acreditava que a empatia era essencial para a formação da identidade pessoal. A empatia é o fenômeno que leva o sujeito ao encontro do mundo dos outros sujeitos não somente leva a percepções mas também ao verdadeiro entendimento. E para Edith Stein a ética da empatia é um ato de reverência às experiências dos sujeitos.

Trazendo o conceito para o campo da psicologia, o teórico Carl Rogers busca solidificar o conceito de empatia, e diferenciá-lo de um simples “se colocar no lugar do outro”, assim como Stein. Para ele, assim como para Stein, se colocar no lugar do outro não é o suficiente, pois as experiências formadoras de cada um são distintas. Assim, na realidade, a empatia real não é apenas colocar-se no lugar do outro e enxergar como nós enxergamos naquela situação, e sim tentar enxergar aquela experiência através de toda a carga de memórias e sentimentos que formou aquele indivíduo.

Naturalmente, a empatia assim idealizada é um sentimento bastante difícil de ser experienciado. Ao longo de nossas revisões, é consenso que a empatia é um sentimento bastante custoso para o indivíduo (Zaki, 2014; Daryl et al., 2019; Breithaupt, 2012) e é uma habilidade que pode ser treinada e desenvolvida (Rieffe et al., 2010; Lam et al., 2011; Coll et al., 2017; Ratka, 2018). Portanto, a empatia é, além de um sentimento, uma habilidade.

Para Rogers, essa habilidade era crucial para terapeutas, pois através dela seriam capazes de verdadeiramente enxergar o mundo pelos olhos de seus pacientes. Essa empatia também é necessária para uma inclusão educacional completa: entender a necessidade dos alunos não apenas numa disposição biológica, de acordo com suas limitações ou deficiências, mas em suas disposições emocionais. No entanto, como já descrito, a empatia é um sentimento cognitivamente custoso e a classe dos professores é notadamente repleta de casos de depressão e ansiedade (Ferreira-Costa & Querino, 2019; Da Silva & De Carvalho, 2016), portanto, uma empatia nesses termos aprofundados é um sacrifício mental que pode levar ao esgotamento mental dos profissionais da educação. Através deste artigo, entendendo que a relação entre professores e alunos precisa de empatia para um processo de ensino e aprendizagem satisfatório, propomos a observação de um novo tipo de empatia, uma empatia “crítica” e “profissional”, que não necessita necessariamente de relações interpessoais aprofundadas, mas que é capaz de gerar conexões satisfatórias para o funcionamento das relações humanas: uma empatia “artificial”, ou empatia sintética. Esse termo é utilizado dentro da área das ciências da computação como a empatia artificial utilizada por inteligências

artificiais para melhorar a relação com os usuários humanos (Nishida 2012, Leite et al. 2011, Hervas et al, 2016), no entanto, buscamos entender uma empatia sintética entre dois humanos: uma empatia criada com um fim específico de relação imediata entre duas pessoas, mas que não possui a profundidade e o desgaste mental necessário para uma relação de empatia mais profunda, como Rogers e Stein apontam que ela é.

Também faz-se necessário entender as relações humanas dentro da realidade social do nosso tempo. Aqui, trazemos as noções de Zygmunt Bauman (2009) acerca de uma sociedade individualista com relações humanas frágeis e rasas, e Byung Chul-Han, em seus livros *No Exame* (2016) e *Topologia da Violência* (2017), que demonstram a lógica da individualização extrema das redes sociais, resultando em indivíduos com pouca noção de um “eu” separado do “outro”.

METODOLOGIA

Para a produção deste artigo, foram realizadas revisões sistemáticas da literatura através da plataforma Google Acadêmico, objetivando perceber como, com a passagem dos anos, o termo foi explorado, a fim de se descobrir o seu funcionamento, como sua relação se dá com diferentes âmbitos sociais e como a presença de empatia é importante nas relações interpessoais. Utilizando quatro intervalos de tempo (2000-2005; 2006-2010; 2011-2015; 2016-2020), filtrando os artigos por relevância e dando prioridade para artigos estrangeiros, foram pesquisados artigos que citassem o termo “empathy” (em inglês, empatia) nominalmente, depois, o termo “synthetic empathy” (em inglês, empatia sintética”. O primeiro termo teve como objetivo situar os pesquisadores acerca das noções mais atuais do que seria a empatia, e o segundo buscou analisar o uso do termo empatia sintética dentro da literatura para avaliar sua utilização dentro do conceito aqui desenvolvido. Depois, foi feita uma breve análise acerca dos resultados, em comparação com a visão de sociedade pós-moderna que teóricos como Zygmunt Bauman e Byung-Chul Han desenvolveram em seus respectivos tempos de vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro das revisões entre 2000 e 2010, criou-se um algumas noções acerca da empatia que se confirmariam ao longo das próximas revisões, como sua relação com a psicologia. Nancy E. Snow (2000) reforça a necessidade de tempo e convivência para que haja a empatia

entre indivíduos, mas que suas crenças que possibilitam o sentimento de empatia por um terceiro podem se desenvolver independentemente da convivência com um indivíduo específico. Sua obra busca complementa o trabalho de Elliott Sober e David Sloan Wilson (1999), estes definem que um indivíduo sente uma emoção X por outro apenas se o segundo realmente passar pela experiência de sentir X, assim causando o primeiro sentir X pelo segundo. Sandra H. Losoya e Nancy Eisenberg (2001, p. 21-43) destacam a existência de problemas conceituais e definições quanto ao tópico empatia, visto que durante o período de tempo observado de 2000 a 2005, o estudo da empatia tomava parte como um dos principais tópicos da psicologia, visto sua gama de aplicações em relações sociais. Diante desse fato também notado por autores da época, o trabalho de Losoya e Eisenberg aponta uma diversificação nas definições do termo empatia como a capacidade de um sujeito de predizer ou entender os pensamentos, sentimentos ou ações de terceiros baseado em sua experiência emocional; em trabalho do desenvolvimento psicológico, empatia é a capacidade de se pôr no lugar de outros “desistência do egocentrismo”; Em relação ao período de tempo observado é de evidente destaques a quantidade de produções acadêmicas voltadas para o campo da saúde, visto que a necessidade de contato interpessoal, de forma profissional e efetiva, quando se trata da interação com sujeitos de características intrínsecas especiais as quais podem ser voláteis e dependem de uma abordagem cautelosa e precisa, esse papel é desempenhado pela capacidade empática ao se comunicar.

Diante dessa pluralidade de condições, naturalmente se torna plausível que haja a aplicabilidade em outros campos como apontado por D. Kunyk e J. K. Olson (2001) em seu trabalho destacando vertentes que a empatia possui, como por exemplo empatia como traço humano, empatia como estado profissional, empatia como processo de comunicação, empatia como cuidado e empatia como relacionamento especial.

Essas características acabam por serem aprofundadas em outros trabalhos como “Empathy and quality of care” (2002), “Physician Empathy: Definition, Components, Measurement, and Relationship to Gender and Specialty” (2002) e “Educating for Empathy” (2006) a fim de se masterizar técnicas para que possam ser ensinadas na formação de profissionais da medicina, uma vez que a simpatia, se excessiva, pode interferir na objetividade do diagnóstico e do tratamento, alveja-se o “desapego compassivo” que descreve a preocupação empática do médico pelo paciente, assim a simpatia é mantida em níveis que não afetam o equilíbrio emocional. Portanto, seria desejável uma “distância afetiva” para evitar explosões de emoções que pudessem interferir na neutralidade clínica e na durabilidade pessoal. Em contrapartida, a empatia não tem limites restritivos porque se pressupõe que a

compreensão é sempre benéfica no cuidado ao paciente, independente de caso a quantidade de empatia for grande.

Além da grande correlação com a área da saúde, o estudo da empatia também anda lado a lado com a área da psicologia, assim havendo trabalhos como o de Eisenberg, Valiente e Champion em “a psicologia do bem e do mal” (2005), apontam a que a empatia durante o desenvolvimento infantil é o período onde crianças expostas a quaisquer tipo de cenários emotivos demonstram sentimentos condizentes a situações enfrentadas por aquilo que lhes parece certo em relação a sua experiência social prévia, seja familiar ou em comunidades por exemplo, personagens fictícios usados em experimentos em contextos propícios à formação de emoções como pena, raiva e compaixão são facilmente exibidos por crianças devido a sua imaturidade emocional, enquanto isso o mesmo experimento em adultos necessita de maior profundidade e complexidade de um enredo para que os comportamentos vistos em crianças sejam demonstrados. Esse estado líquido em relação a sentimentos de terceiros é a base para o comportamento pró-social, que beneficia outras pessoas ou a sociedade como um todo, pois promove positivamente hábitos como ajudar, compartilhar, doar, cooperar, ser voluntário e também obedecer às regras e obedecer a comportamentos socialmente aceitos (Eisenberg, Fabes, Spinrad 2007).

A revisão para “empathy” (empatia, em inglês) dos anos 2010 a 2020 possuiu temas bastante próximos aos de 2000 a 2010, no sentido de que muitas das obras focam na área da saúde, com artigos envolvendo não apenas a empatia enquanto uma habilidade a ser treinada e medida (Rieffe et al., 2010; Lam et al., 2011; Coll et al., 2017; Ratka, 2018), mas também como uma característica desejada em profissionais da área da saúde para melhorar a relação com o paciente (Derksen et al., 2013; Brunero et al., 2010; Moudatsou et al., 2020), não muito diferente da revisão feita no primeiro intervalo de tempo. Quando pensamos na empatia como uma relação estritamente profissional, uma habilidade “para o mercado de trabalho”, o livro “The Managed Heart”(Hochschild, 1983), “o coração gerenciado”, em tradução livre, vem à mente. Nele, a autora reflete sobre a empatia enquanto uma mercadoria, uma forma de diferenciar-se no mercado de trabalho. Assim, pode-se imaginar que o valor dado à medição da empatia pode vir não apenas da curiosidade pelo tema, mas também pela necessidade de medir uma característica para o mercado de trabalho. Hochschild escreveu um livro que fala sobre a empatia - e os sentimentos como um todo - como mercadorias: e esse fato parece cada vez mais claro nas relações de poder das redes sociais.

Grande parte da revisão foi composta de artigos que descrevem a empatia numa disposição biológica: quais partes do cérebro são ativadas em momentos de empatia (Engen &

Singer, 2013; Decety, 2011; Shamay-Tsoory, 2012; Marsh, 2018; Decety, 2015), sua importância evolutiva (Decety, 2011; McDonald & Messinger, 2011; Waal, 2012). Apesar da discrepância, parece ser um consenso dentro desses artigos que a definição básica de empatia é “colocar-se no lugar do outro, num nível de sentir o que ele está experienciando”. Não é uma característica única da espécie humana (Decety, 2011), mas nós a realizamos com intensidade. O longo espectro de sentimentos, materializados por expressões faciais, parece ser reconhecido por terceiros (Cuff et al., 2014; Hall & Schwartz, 2018; Riess, 2017; Marsh, 2018; Decety, 2015), notando que os níveis de empatia são particularmente maiores entre pessoas com características em comum com a pessoa observada (Cuff et al., 2014; Marsh, 2018). Uma pessoa pode ser mais empática que a outra, entendendo tanto a relevância dos fatores sociais que envolvem o esforço ou o treinamento da empatia para aquela pessoa (Fernandez & Zahavi, 2020; Ratka, 2018; Sal, 2019), quanto a observação de características em comum com a pessoa observada. Portanto, mesmo que exista em uma forma básica (ou, digamos, “crua”), a empatia pode ser treinada e é moldável a partir do convívio social.

Filosoficamente, a empatia sempre foi associada a uma questão moral, de que para ser uma pessoa bondosa, é necessário ser uma pessoa empática (McDonald & Messinger, 2011). No entanto, Prinz (2011) argumenta não apenas contra a relação empatia-moralidade, mas contra o valor que o sentimento de empatia têm dentro do senso comum. Como já descrito, a empatia é facilmente moldável e, de acordo com o autor, manipulável: assim, é um sentimento sujeito a vieses, parcialidade e, quase sempre, é uma resposta emocional e pouco crítica a determinadas situações. Ainda que a empatia possua componentes controlados e automáticos (Heyes, 2018) que podem ser bloqueados, suas tendências podem nublar a imparcialidade necessária em algumas situações da vida cotidiana e profissional.

Decety e Cowell (2014) também falam sobre essa relação de moralidade, desassociando-a da empatia: argumentam que não são nem excludentes nem simbiotes. No entanto, os autores, assim como Prinz (2011) apontam a importância de utilizar termos alternativos à “empatia”, como cuidado empático ou compartilhamento emocional. (Decety & Cowell, 2014). Pesquisar a sensação de “sentir o que o outro sente” sem a bagagem confusa de conceitos que a empatia traz é uma forma de aumentar o rigor científico e pavimentar novos caminhos para uma conceitualização mais precisa.

Com a utilização dos descritores voltados para o termo “empathy” e sua associação com o termo “synthetic” os resultados anteriormente compartilham da característica de citarem os termos em seu texto, mas obra alguma de 2000 à 2009 possuía o foco no termo “synthetic empathy”, entretanto no intervalo de 2010 a 2020 trabalhos que abordam

diretamente essa proposta podem ser encontrados em diversos contextos. Ana Paiva, João Dias, Daniel Sobral, Ruth Aylett, Sarah Woods, Lynne Hall & Carsten Zoll (2005) introduzem uma abordagem educacional do tema “empatia sintética” sustentado pela abordagem neurocientífica supracitada, na qual a utilização de personagens fictícios que participam de jogos ou filmes educacionais são usados para transmitir algum ensinamento e ajudar na formação de um indivíduo pró-social, entretanto se faz necessário um vínculo empático entre personagem e a audiência, para alcançar esse status é necessário inserir de forma sintética elementos humanizados no comportamento da personagem.

Empatia sintética também foi relatada em situações de mediação por plataformas online, as quais favorecem a sensação de acolhimento e de compreensão pelo indivíduo que decide compartilhar sua situação, seja essa relacionada à felicidade ou a alguma dificuldade e isso ocorre em razão da forma implícita de transmitir empatia que se configura durante a comunicação textual concordando, discordando ou compartilhando de uma situação exposta em alguma plataforma que promova discussões, este modelo pode ser replicado por programas de gestão e participação de usuários, gerando empatia sintética através de ambientes sintéticos, a fim buscar soluções e aplicar conscientização em grupo para comunidades. Krishnamurthy, Rashmi, Bhagwatwar, Akshay, Johnston, Erik, & Desouza, Kevin (2013).

Na formação de um vínculo interpessoal se faz necessário um ponto comum para ambos, assim facilitando o processo de socialização e reconhecimento empático (Kidwell, 2000). Um ambiente sintético também se destaca na construção de um vínculo empático por não gerar tanto estresse quanto o contato físico do dia a dia. Mogil et al. 2015 demonstra que indivíduos que compartilham de uma mesma atividade em campo virtual, tendem a criar uma ligação empática, através de testes utilizando jogos e aferindo os comportamentos neurais registrou-se que por um curto período de tempo as respostas neurais entre desconhecidos se assemelham às de uma interação com parentes e conhecidos próximos.

A maior parte dos artigos se referia a tecnologia e inteligências artificiais. O termo “sintético” da empatia sintética possui um significado claro: os pesquisadores da área das ciências computacionais buscam criar uma empatia artificial a ser incorporada a assistentes virtuais para entender as necessidades dos usuários. Ainda que essa aplicação do termo faça sentido - e, de fato, seja necessário para o avanço da área -, nós buscamos outra noção para uma empatia “artificial”: uma empatia entre pessoas, mas que mesmo assim não possui a profundidade de uma relação empática.

No entanto, o conceito continua fortemente ligado à tecnologia, se não diretamente, aos seus efeitos. Alguns artigos (Nishida 2012, Leite et al. 2011, Hervas et al, 2016) apontam a importância da empatia nas relações entre inteligências artificiais e humanos. Esses artigos demonstram que robôs com a habilidade de simular a empatia causam no interlocutor a sensação de amigabilidade. Se somos capazes de sentir empatia com relação a um construto, uma entidade com pensamentos rasos, somos capazes de sentir empatia em níveis igualmente rasos.

Ficou bastante claro através de determinados artigos encontrados (Zaki, 2014; Daryl et al., 2019; Breithaupt, 2012) que a empatia é um sentimento custoso para o empático, e que é um sentimento que pode ser evitado caso a pessoa em questão esteja emocionalmente cansada. Breithaupt (2012), especialmente, aponta que o sentimento de empatia só pode ser alcançado quando todos os mecanismos que a bloqueiam param. Aqui, propomos uma empatia que permanece através desses mecanismos: uma empatia simples, porém apropriada para ambientes de trabalho emocionalmente desgastantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de entender como a vasta gama de aplicações da empatia progrediu sob a ótica científica que busca analisar seus mecanismos e os aplicar nas relações sociais, os dados coletados para a construção desse trabalho reafirmam a versatilidade da empatia para se construir um ambiente social ao constatar que, mesmo o avanço tecnológico vivenciado nos últimos anos tendo distanciado o contato social, este ainda assim utiliza dos mecanismos comportamentais formadores de empatia para aproximar os indivíduos que permitem a interação harmônica e recorrente de um espaço.

Ainda, mesmo que não comentada de modo recorrente, a utilização da empatia tem dominado espaços que ironicamente vem se tornando mais acessada do que a interação física, as plataformas sociais de vídeos que apesar da curta duração se tornam formadoras de opinião em diversas áreas através de uma comunicação empática, convidativa e compartilhadora de experiências que, independente de sua veracidade, engaja um indivíduo e tendem a moldar sua opinião, demonstrando a preeminência no processo racional humano ocupado pela empatia.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao grupo Affectio, liderado pelo professor doutor Ernani Nunes Ribeiro, que contribuiu para nossa formação acadêmica e pessoal, cujos membros se dedicam

todos os dias para desenvolver uma ciência de qualidade e uma inclusão verdadeiramente humana.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. A Sociedade Individualizada. **Editora Zahar**. 2009.
- BREITHAUPT, Fritz. A Three-Person Model of Empathy. **International Society for Research on Emotion**. v. 4, n.1, 2012.
- BRUNERO, Scott; LAMONT, Scott; COATES, Melissa. A review of empathy education in nursing. **Nursing Inquiry**. v. 7, n. 1, p. 65-74. 2010.
- CAMERON, C. Daryl; HUTCHERSON, Cendri A.; FERGUSON, Amanda M.; SCHEFFER, Julian A.; HADJIANDREOU, Eliana; INZLICHT, Michael. Empathy is hard work: People choose to avoid empathy because of its cognitive costs. **Journal of Experimental Psychology**. v. 148, n. 6, p. 962-976. 2019.
- COLL, Michel-Perre; VIDING, Essi; RUTGEN, Markus; SILANI, Giorgia; LAMM, Claus; CATMUR, Caroline; BIRD, Geoffrey. Are we really measuring empathy? Proposal for a new measurement framework. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**. v. 83, p. 132-139, 2017.
- CUFF, Benjamin M.P.; BROWN, Sarah J.; TAYLOR, Laura; HOWAT, Douglas J.. Empathy: A Review of the Concept. **International Society for Research on Emotion**. v. 8, n 2, p.144-153. 2014.
- DA SILVA, Thais Rodrigues ; DE CARVALHO, Eliane Alecrim. DEPRESSÃO EM PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO DA LITERATURA BRASILEIRA. **Uningá Review**, v. 28, n. 1, 2016.
- DECETY, Jean. The neuroevolution of empathy. **Annals of the New York Academy of Sciences**. v. 1231, p. 35-45. 2011.
- DECETY, Jean. The neural pathways, development and functions of empathy. **Current Opinion in Behavioral Sciences**. v. 3, p. 1-6. 2015.
- DECETY, Jean. COWELL, Jason M.. The complex relation between morality and empathy. **Trends in Cognitive Sciences**. v. 18, n. 7, p. 337-339. 2014.
- DERKSEN, Frans; BENSING, Jozien; LAGRO-JANSSEN, Antoine. Effectiveness of empathy in general practice: a systematic review. **British Journal of General Practice**. v. 63, p. 76-84. 2013.
- DIMAKI, Anthoula. Emotional Intelligence in the workplace and the role of Empathy. **Journal of Tourism Research**. v. 25. p. 30-41. 2020.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Spinrad, T. L. (2006). Prosocial Development. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 646–718). **John Wiley & Sons, Inc**

EISENBERG, N.; VALIENTE, C.; CHAMPION, C. Empathy-related responding: moral, social, and socialization correlates. In: MILLER, A. G. (Ed.). *The social psychology of good and evil*. **New York: The Guilford Press**, 2004. p. 386-415.

ENGEN, Aakon G; SINGER, Tania. Empathy circuits. **Current Opinion in Neurobiology**. v. 23, p. 275-182. 2013.

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino; PEDRO-SILVA, Nelson. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. **Pro-Posições**, v. 30, 2019.

FERNANDEZ, Anthony Vincent; ZAHAVI, Dan. Basic empathy: Developing the concept of empathy from the ground up. **International Journal of Nursing Studies**. v. 110. 2020.

HAN, Byung-Chul. *No Enxame*. Editora Relógio D'Água. 2016.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. **Editora Vozes**. 2017.

HALL, Julia A.; SCHWARTZ, Rachel. Empathy present and future. **The Journal of Social Psychology**. v. 159, n 3, p. 225-243. 2018.

HERVÁS, Ramón; JOHNSON, Esperanza; FRANCA, Carlos Gutierrez López de la; BRAVO, José; MONDÉJAR, Tania. A Learning System to Support Social and Empathy Disorders Diagnosis through Affective Avatars. **5th International Conference on Ubiquitous Computing and Communications and 2016 International Symposium on Cyberspace and Security**. p. 93-100. 2016.

HEYES, Cecilia. Empathy is not in our genes. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**. v. 95, p. 499-507, 2018.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *The Managed Heart*. **University of California Press**. 1983.

HOJAT, M. et al. Physician empathy: definition, components, measurement, and relationship to gender and specialty. **Am J Psychiatry**, v. 159, n. 9, p. 1563-9, 2002. DOI: 10.1176/appi.ajp.159.9.1563. PMID: 12202278.

KUNYK, D.; OLSON, J. K. Clarification of conceptualizations of empathy. **J Adv Nurs**, v. 35, n. 3, p. 317-25, 2001. DOI: 10.1046/j.1365-2648.2001.01848.x. PMID: 11489011.

LAM, Tony Chiu Ming; KOLOMITRO, Klodiana; ALAMPARAMBIL, Flanny C.. Empathy Training: Methods, Evaluation Practices, and Validity. **Journal of Multidisciplinary Evaluation**. v. 7, n. 16., p. 162–200, 2011.

LEITE, Iolanta; PEREIRA, André; MASCARENHAS, Samuel; MARTINHO, Carlos; PRADA, Rui; PAIVA, Ana. The influence of empathy in human–robot relations. **International Journal of Human-Computer Studies**. v. 71, n. 3, p. 250-260. 2011.

LOSOYA, Sandra H.; EISENBERG, Nancy. Affective empathy. In: HALL, Judith A.; BERNIERI, Frank J. (Eds.). *Interpersonal sensitivity: Theory and measurement*. **Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers**, 2001. p. 21-43.

- MARSH, Abigail A. The neuroscience of empathy. **Current Opinion in Behavioral Sciences**. v. 19, p. 110-115. 2018.
- MCDONALD, Nicole; MESSINGER, Daniel. The Development of Empathy: How, When, and Why. Moral behavior and free will: A neurobiological and philosophical approach. **If Press**. 2011.
- MERCER, S. W.; REYNOLDS, W. J. Empathy and quality of care. **British Journal of General Practice**, v. 52, supl., p. S9-S12, out. 2002. Disponível em: <https://bjgp.org/content/52/supplement/S9>. Acesso em: 02/02/2024
- MEYERS, Sal; ROWELL, Katherine; WELLS, Mary; SMITH, Brian C.. Teacher Empathy: A Model of Empathy for Teaching for Student Success. **College Teaching**. v. 67. 2019
- MOUDATSOU, Maria; STAVROPOULOU, Areti; PHILALITHIS, Anastas; KOUKOULI, Sofia. **The Role of Empathy in Health and Social Care Professionals**. Healthcare. v. 8, p. 26. 2020.
- NISHIDA, Toyooki. Toward mutual dependency between empathy and technology. **AI & Society**, v. 28, p. 277-287. 2013.
- PRINZ, Jesse. Against Empathy. **The Southern Journal of Philosophy**. v. 49, p. 214-233. 2011.
- RATKA, Anna. Empathy and the Development of Affective Skills. **American Journal of Pharmaceutical Education**, v. 82, n. 10. 2018.
- RIEFFE, Carolien; KETELAAR, Lizet; WIEFFERINK, Carin H. Assessing empathy in young children: Construction and validation of an Empathy Questionnaire (EmQue). **Personality and Individual Differences**, v. 49, n. 5, p. 362-367. 2010.
- Riess, H. The Science of Empathy. **Journal of Patient Experience**, v. 4 n. 2, p. 74-77. 2017.
- Rogers, Carl. Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática. in: Rogers, Carl & Rosenberg, Rachel. A pessoa como centro. **Editora EPU**. p. 69-89. 1977.
- SHAMAY-TSOORY, Simone G. The neural bases for empathy. **The Neuroscientist**. v. 17, p. 18-24. 2011.
- SNOW, Nancy E. Empathy. **American Philosophical Quarterly**, v. 37, n. 1, p. 65-78, 2000. <http://www.jstor.org/stable/20009985>
- SOBER, Elliot; WILSON, Sloan David. Unto Others: The Evolution and Psychology of Unselfish Behavior. **Public Choice**. v. 101m p. 307-314. 1999.
- STUEPIEN, K. A.; BAERNSTEIN, A. Educating for empathy. A review. **J Gen Intern Med**, v. 21, n. 5, p. 524-30, 2006. DOI: 10.1111/j.1525-1497.2006.00443.x. PMID: 16704404. PMCID: PMC1484804.
- TERRY, Christopher; CAIN, Jeff. The Emerging Issue of Digital Empathy. **American Journal of Pharmaceutical Education**. v. 80. 2016.

WALL, Frans B. M. de. The Antiquity of Empathy. **Science** V. 336, n. 6083, 2012.

ZAKI, Jamil. Empathy: A motivated account. **Psychological Bulletin**. v. 140, p. 1608–1647. 2014.

ZAKI, Jamil; OCHSNER, Kevin N. . The neuroscience of empathy: progress, pitfalls and promise. **Nature Neuroscience**. v. 15, p. 675-680. 2012.